

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

Murilo Sandes Pitombo

**CRIAÇÃO DE DEDOCHEs: uma experiência em Artes Visuais e Teatro no
Ensino Fundamental I**

Belo Horizonte

2023

Murilo Sandes Pitombo

CRIAÇÃO DE DEDOCHEs: uma experiência em Artes Visuais e Teatro no Ensino Fundamental I

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV do Programa de Pós-graduação em Artes – PPGArtes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Prof. Ms. Samara Vilaça Xavier

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **ATA DA DEFESA DO TRABALHO FINAL DE MURILO SANDES PITOMBO, Nº. DE REGISTRO: 2021695519**

TRABALHO FINAL: **"CRIAÇÃO DE DEDOCHEs: uma experiência em Artes Visuais e Teatro no Ensino Fundamental I".**

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 24 de junho, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Me. Samara Vilaça Xavier (Orientadora CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Me. Raphaela Benetello Marques (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Raphaela Benetello Marques, Técnica de Laboratório**, em 27/06/2023, às 09:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Samara Vilaça Xavier, Usuária Externa**, em 27/06/2023, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2417893** e o código CRC **87D421C0**.

Referência: Processo nº 23072.239249/2023-60

SEI nº 2417893

CRIAÇÃO DE DEDOCHEs: uma experiência em Artes Visuais e Teatro no Ensino Fundamental I.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma metodologia de ensino/aprendizagem em Artes Visuais e Teatro a partir da construção de dedoches em sala de aula. A criação artística realizada por alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I de uma escola localizada na cidade de Itabuna/BA surgiu como forma de desenvolver habilidades socioemocionais, artísticas e criticidade, já que exercícios focados em leituras e suas interpretações podem ocasionar dificuldades de aprendizagem do conteúdo abordado. Utilizamos desenhos, colorações, recortes e colagens para a criação artística que seria apresentada e representada em sala de aula pelas crianças, divididas em grupos, tendo como plateia os colegas e professores. O processo de construção gerou colaborações e debates entre os alunos de forma orgânica, sendo necessário, apenas, pequenas intervenções para que não surgissem imposições e visões totalitárias acerca do processo por parte de algum aluno. Recorremos a uma metodologia qualitativa com base na observação dos alunos em ambiente controlado, e dos desdobramentos e efeitos em cada criança na prática artística aplicada. Como resultado, notamos uma rápida aceitação por parte dos alunos da proposta apresentada, além do desenvolvimento da criatividade, oratória e autonomia na exposição de ideias em momentos que exigiram opiniões e contra-argumentações.

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; teatro; dedoches; ensino fundamental I.

FINGER PUPPET CREATION: an experience in Visual Arts and Theater in Elementary School.

ABSTRACT

This article aims to present a teaching/learning methodology in Visual Arts and Theater through the construction of finger puppets in the classroom. The artistic creation carried out by first-grade students in an Elementary School located in Itabuna/BA emerged as a means to develop socio-emotional, artistic, and critical skills, given that exercises focused on reading and interpretation learning difficulties of the content addressed. We used drawings, coloring, cutouts, and collages for the artistic invention that would be presented and performed in the classroom by the children, divided into groups, who had their classmates and teachers as the audience. The construction process generated collaborations and debates among the students in an organic manner, requiring only minor interventions to prevent impositions and totalitarian views on the process from any student. We employed a qualitative methodology based on the observation of students in a controlled environment, as well as the unfolding and effects on each child in the applied artistic practice. As a result, we noticed a quick acceptance by the students of the presented proposal, in addition to the development of creativity, oratory and autonomy in exposing ideas in moments that required opinions and counter-arguments.

Keywords: visual arts; theater; finger puppets; elementary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O PROCESSO CRIATIVO DOS DEDOCES	9
3 APRENDIZAGEM EM ARTES	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

A metodologia de ensino em Artes Visuais e Teatro que apresentaremos a seguir possui como fio condutor a confecção de dedoches com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I, na faixa etária dos sete anos, de uma escola particular situada na cidade de Itabuna/BA. Durante a aplicação de exercícios envolvendo leituras de contos e dramatizações de pequenas cenas, observamos que não conseguiríamos fazer com que os alunos atingissem o objetivo desejado com essas atividades, o qual consistia em proporcionar mecanismos para que eles desenvolvessem habilidades socioemocionais, artísticas e críticas, relacionadas à argumentações, exposições, pensamentos e debates. Para que o objetivo fosse alcançado, seria necessário que já possuíssem total domínio da leitura e da escrita.

Planejamentos de aulas que foquem, quase exclusivamente, em conteúdos teóricos embasados em práticas de leitura e escrita, sem nenhum tipo de artifício visual e/ou sonoro, ou então com a permanência do alunado em carteiras por longos períodos, como é exigido de forma mais enfática no ensino tradicional, podem implicar em dificuldades pedagógicas para alunos do primeiro ano (faixa etária dos sete anos). O seu desenvolvimento intelectual segue pautado na ludicidade e na interatividade, dialogando sempre com brincadeiras, movimentos, cores e tantos outros atrativos sinestésicos, fatores esses que atraem a atenção das crianças.

Muitas vezes não se leva em conta as individualidades e características marcantes de cada um, principalmente de acordo com a faixa etária dos estudantes, e isso influencia diretamente no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que cada idade tem suas necessidades e pontos marcantes, que são modificados e transformados de acordo com cada fase das faixas etárias, cada etapa do crescimento biopsicossocial do ser humano (ALCÂNTARA, 2017, p. 76).

Existe uma grande necessidade de manter o interesse desses alunos presente no decorrer da aula, a fim de que alcancemos o objetivo pedagógico alinhado com a coordenação escolar. Muitos artistas-educadores conseguem desenvolver o ensino de Artes Visuais privilegiando sempre o despertar da criança para um mundo sensível. Porém, existe uma constante busca de ir além do abordado em sala de aula. A criança precisa estar apta a utilizar, em sua vida cotidiana, os conteúdos e conceitos

compreendidos durante as aulas, seja no ambiente escolar ou em seu convívio diário com amigos e familiares.

O ensino de artes para crianças deve possibilitar a expansão do pensamento artístico, da percepção estética, e conseqüentemente desenvolver sensibilidade, imaginação, expressão, criticidade, comunicação, demonstrando um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana, possibilitando o desenvolvimento integral (LEITE *et al.*, 2018, p.5).

Para desenvolvermos o trabalho com crianças que não possuem domínio da leitura e da escrita, foi necessário adaptarmos exercícios e textos para a realidade de cada idade. Atividades que exigem certo nível de leitura e de interpretação textual, mesmo que básico, precisam ser ajustadas para um universo mais lúdico, repleto de personagens fantasiosos e improvisações. Com isso, tornamos todo o processo mais atrativo, levando-os a participar de forma ativa nas experimentações em sala de aula. “Fazer um recorte no universo infantil, por idade, significa distinguir seu interesse por faixa etária” (PEREIRA, 2005, p.77). Dessa forma, conseguimos trabalhar de maneira focada em seus interesses, a fim de obtermos melhor aproveitamento no desenvolvimento da criatividade, da criticidade e da socialização de cada indivíduo.

É importante destacar que, ao confeccionarmos dedoches em sala de aula (numa metodologia desenvolvida durante duas aulas: uma aula de quarenta minutos a cada semana), o artista-educador deve conduzir as suas aulas “com a responsabilidade de garantir que os alunos vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos de forma consistente e planejada” (PEREIRA, 2005, p.68). As crianças seguiram pensando em formas de manuseio, variações de voz e características que possam tornar o seu dedochê exclusivo, para, por fim, batizá-los. Assim sendo, os alunos criaram personagens que foram apresentados aos demais colegas de classe.

Para tanto, relacionamos os avanços conquistados por meio da proposta desenvolvida em sala de aula, bem como os efeitos observados na socialização e criticidade dos alunos, à Proposta Triangular da pesquisadora Ana Mae Barbosa (1998, 2006) e as suas pesquisas no ensino de artes. Além disso, embasamo-nos em teóricos como Pereira (2005) e Alves de Oliveira (2018), os quais contribuem com o ensino de Teatro e o uso de dedoches no Ensino Fundamental. Também, amparamo-

nos em Vygotsky (1987), com a sua pesquisa focada no desenvolvimento mental e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem.

2. O PROCESSO CRIATIVO DOS DEDOCHES

O teatro de dedoches tem a sua origem intimamente ligada ao teatro de fantoches e de bonecos, já que as suas diferenças se dão pelo método construtivo de cada personagem e o modo de manipulação. Segundo Becker *et al.* (2013, p.3), “o teatro de bonecos não é uma prática recente, pois registros dessa forma de expressão artística existem desde a Pré-História e a sua origem remonta ao Antigo Oriente”. Nesse período, os bonecos eram confeccionados com argila e gravetos, e não possuíam tanta movimentação. Com o passar dos séculos, já na idade média,

os bonecos eram utilizados nas doutrinações religiosas e apresentados em feiras populares. Houve um período em que os integrantes desses grupos de teatro foram muito perseguidos porque representavam personagens que faziam críticas às autoridades religiosas (CALDAS & LADEIRA, 1993, p. 10).

Os bonecos passaram a adquirir características locais e culturais das regiões onde a sua utilização tornou-se mais imponente. E essa natural absorção trouxe diversos nomes e empregos para além dos limites artísticos, sendo de grande importância para a cultura e festejos regionais.

Na Itália, o boneco mais conhecido foi o maceus, que antecedeu o polichinelo. Na Turquia havia o karagoz; na Grécia, as atalanas; na Alemanha, o kasper; na Rússia, o petrusca; em Java, o wayang; na Espanha, o cristovan; na Inglaterra, o punch; na França, o guinhol; no Brasil, o mamulengo. Todos esses bonecos, de poucos recursos técnicos, mas com grandes possibilidades expressivas, possuem algo em comum: a irreverência, a espontaneidade, a não-submissão ao estabelecido, a comicidade e, por vezes, a crueldade (CALDAS & LADEIRA, 1993, p. 11).

Porém, apenas no pós-segunda guerra mundial o teatro de bonecos ganhou espaço no cenário pedagógico e infantil (BECKER *et al.*, 2013). A sua utilização passou a ser mais intensiva, já que seu caráter lúdico ajuda a monopolizar a atenção das crianças em sala de aula, funcionando como um canal comunicacional entre o professor e o aluno. No período pós-segunda guerra não existia a preocupação teatral,

de fato, na realização do teatro de bonecos para o público infantil, com a formação de novos atores ou de profissionais dos bastidores. A sua função resumia-se apenas às "finalidades moral e pedagógica e até mesmo a preocupação em formar o 'espectador do futuro'" (PEREIRA, 2005, p.74). Ciente dos pontos positivos que os dedoches desenvolveriam nas aulas, elaboramos um plano de aula, dividido em dois momentos, a fim de trabalharmos elementos de desenho, coloração, recorte e colagem na construção de personagens do teatro de dedoches.

Durante a primeira aula, com duração aproximada de quarenta minutos, foi apresentada às crianças a atividade "Monstrinhos Dedoches" (Fig.1). Essa atividade elaborada por mim consiste em quatro personagens (monstros) impressos em papel A4 na orientação horizontal, no qual cada aluno desenharia as partes dos monstros que faltavam, como olhos e bocas. Após isso, eles deveriam colorir, no intuito de, na aula da semana seguinte, escolher um dos quatros personagens à sua disposição e batizá-lo com um nome de sua preferência, como também contar uma história juntamente com os outros colegas. Esses monstrinhos de papel foram transformados em dedoches através de uma faixa retangular presa aos pés da figura presente na atividade, a qual foi recortada e, posteriormente, colada em formato circular, possibilitando o encaixe no dedo.

Figura 1 – Atividade Monstrinhos Dedoches.



Fonte: Acervo Pessoal.

A escolha de monstros para essa atividade, em vez de personagens de contos de fadas e super-heróis, deu-se pelo simples fato de que são personagens que permitem, no imaginário infantil, a utilização de qualquer tipo de acessórios, cores e vestuários. E, também, pelo fato de que personagens completamente fictícios, distantes de qualquer traço real, funcionam como um chamariz para a faixa etária dos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I.

Crianças de quatro a sete anos vivendo a etapa animista, têm preferências, por exemplo, pelas encarnações animais; dos sete aos nove, a chamada etapa sociocêntrica, a criança estará mais predisposta ao jogo teatral, musicais e títeres. Dos nove aos doze, já se aceitam comédias breves. Até essa idade a fantasia seria importante. A partir daí, declina-se e perde-se o interesse pelos contos de fadas (CERVERA *apud* CAMPOS, 1998, p. 58).

Os monstros são monstros independentemente de pertencerem ao universo das fadas, das princesas, dos animais, dos guerreiros ou dos robôs. Trata-se de um personagem sem gênero definido, o que abre diversas oportunidades criativas que podem ser exploradas pelas crianças, como a inserção, mediante desenhos, de acessórios diversos como: bolsas, varinhas mágicas, asas de fadas ou de dragões, bocas gigantescas que ultrapassassem o tamanho do corpo, chifres, chapéus, pares de braços, e tantos outros artifícios os quais destacariam as suas criações das demais. “O desenho é a primeira representação gráfica utilizada pelas crianças. Desenhar é um ato inteligente de representação que põe forma e sentido ao pensamento e ao conteúdo que foi assimilado” (ANDRADE *et al.*, 2007, p.3). Através do desenho, a criança conseguiria exprimir ainda mais traços de ineditismo e de personalidade ao dedoche criado, desenvolvendo habilidades relacionadas à pintura e ao desenho.

A prática do desenho desencadeia na criança um processo de profunda imersão criacional e artística. Esse é o momento que ela tem de expressar todos os seus anseios e imaginação. Cada escolha relacionada a cores, traçados e formatos empregados nos desenhos já fazem parte do seu processo criativo, já trazem uma visão particular do mundo ao redor e da sua compreensão sobre determinada temática ou objeto a ser representado.

Inicialmente a criança desenha de memória. Se pedirmos para ela desenhar sua mãe, que está sentada diante dela, ou algum outro objeto que esteja perto dela, a criança desenhara sem sequer olhar

para o original; ou seja, as crianças não desenham o que vêem, mas sim o que conhecem. Com muita frequência, os desenhos infantis não só não têm nada a ver com a percepção real do objeto como, muitas vezes, contradizem essa percepção (BÜHLER *apud* VYGOTSKY, 1987, p.75).

Esse processo é de extrema valia para a criança enquanto ato de representar a sua individualidade, já que se trata de um desenho com traços completamente autorais, que teve início dentro da sua imaginação. Nesse processo não existem cópias fidedignas de uma imagem existente ou da criação do colega da carteira ao lado. O ineditismo do seu rabiscar se faz presente como uma forma particular da sua leitura de mundo e visão artística, sem que seu traçado atual seja completamente idêntico a outros já existentes.

Desenhar e colorir caminharam juntas na primeira etapa do processo de criação dos dedoches, não sendo possível distinguir em qual momento uma deixou de ser utilizada para que a outra ocupasse o protagonismo do processo. Contudo, é crível que tenha existido uma alternância de ambas durante o fazer artístico, já que os alunos estavam completamente livres para seguirem alternando uma ou outra, caso houvesse necessidade.

A medida que seguiam na elaboração dos seus dedoches, as crianças também dialogavam entre si, numa profunda troca de relatos a partir de observações feitas sobre o processo de construção uns dos outros. Segundo Ana Mae Barbosa (1998), em sua obra “Tópicos Utópicos”, o papel de observador de obras de arte também é de suma importância para a jornada de crescimento e educação das crianças. Através desses exercícios, apresentamos ferramentas para desenvolver neles algumas noções estéticas e culturais, pois, ainda que não se tornassem artistas, poderiam, em sua grande maioria, vir a ser apreciadores da arte. As trocas de relatos entre os estudantes resultaram em conversas extremamente desafiadoras, onde havia debates sobre qual caminho deveriam seguir para que os seus dedoches se tornassem únicos. Era possível notarmos discordâncias, com contra-argumentações plausíveis dentro do universo pré-estabelecido no diálogo, e concordâncias seguidas da aceitação de determinada ideia: seja em relação a um novo formato de olho ou acessório, seja referente à cor que melhor se encaixaria naquele desenho.

Concomitantemente, a professora e pesquisadora Lucia Gouvêa Pimentel (2003) defende a criação artística enquanto construção de conhecimento, que se

relaciona com nossos sentimentos e vivências sensoriais de mundo. Cria-se, dessa forma, percepções estéticas que são inerentes a cada indivíduo. Durante o processo de confecção dos dedoches, os alunos seguiam trabalhando em suas experimentações, observando o progresso conquistado pelos colegas e, por muitas vezes, dando opiniões enquanto espectador daquela criação artística. A todo o momento os alunos seguiram empenhados no processo de construção, sempre repleto de criação, brincadeiras e ludicidade. Colaborando, portanto, de forma enfática no desenvolvimento de habilidades cognitivas e na formação de uma opinião crítica.

O brincar permite à criança desenvolver a identidade e a autonomia, pois desde muito cedo ela se comunica por gestos, sons e representa em brincadeiras de faz de conta despertando a fantasia e a imaginação, elementos fundamentais para a sua socialização (ALVES DE OLIVEIRA, 2018, p.31-32).

As crianças que concluíram a primeira etapa focada em desenhar e colorir os dedoches sentiram-se dispostas a ajudar os demais colegas. Alguns deles ofereciam a sua contribuição, enquanto outros eram convidados pelos colegas para seguirem na fase de construção de conceitos, antes mesmo do desenho e da coloração. O professor apenas informava que a ajuda poderia ser ofertada, desde que a criança detentora da atividade fosse a única responsável por trazer todo aquele debate e troca de informações para o papel. Ostetto (2010) expõe a sua concepção sobre o papel do educador durante o momento de plena criatividade e troca de experiências entre as crianças:

Nesse sentido, [...] deve se colocar como um interlocutor privilegiado, dando suporte às crianças em sua criação. Muitas vezes, com medo de ser impositivo, autoritário ou com receio de desconsiderar o acervo cultural das crianças, com o intuito de respeitar “o gosto que trazem de casa”, o professor abre mão de seu papel que é, também, permitir a circulação de diferentes significados, de socialização dos bens culturais produzidos pela humanidade (OSTETTO, 2010, p. 31).

Dessa maneira, as crianças naturalmente estabeleciam limites entre si, onde o colega que estava disposto a ajudar opinava e trazia luz às possíveis criações do colega-criador, ficando a critério única e exclusivamente dele seguir, ou não, os conselhos recebidos. Já ao professor, isto é, ao artista-educador, cabia a função de

permitir e potencializar todo esse debate, colaborações e trocas de experiências que haviam se instaurado durante a sua aula.

No momento da realização da atividade, intensificou-se a troca de lápis de cor, giz de cera e de canetinhas coloridas entre eles. Qualquer tonalidade de cor passou a ser cuidadosamente selecionada para que a composição do dedochê fizesse jus ao imaginado pela criança. “Arte é uma ação cognitiva imaginativa que integra conhecimento, construção e expressão” (PIMENTEL, 2013, p.111). O aluno que já havia concluído a sua etapa da atividade seguia disposto a conseguir novos tons e variações de cores com outros colegas, como forma de ajudar no traço artístico da criança que ainda elaborava seus monstrinhos dedochês.

Durante os primeiros minutos da aula seguinte, sendo essa a segunda aula destinada a esse exercício e realizada sete dias após a primeira intervenção, as crianças já demonstraram muita empolgação por continuar trabalhando com os seus personagens. A atividade que havia sido recolhida na aula anterior foi entregue novamente a cada um deles, para que pudessem realizar pequenos ajustes e prosseguir com as últimas fases, tais como o batismo e a escolha de um dos quatro monstrinhos a ser recortado, transformando-o em um dedochê de fato. Nesse momento, mais uma vez a imaginação dos pequenos transbordou e rompeu as fronteiras da sala de aula. “Seja no teatro, na música, na dança e nas artes visuais o aluno, quando lhe é oferecida a oportunidade, apresenta traços essenciais de indivíduos criativos” (PEREIRA, 2005, p.69). Diversas ideias de nomes surgem e uma nova rodada de debates inicia. Alguns alunos já se mostram mais decididos com as escolhas dos nomes para os seus personagens, ao passo que outros transparecem dúvidas quanto às suas preferências.

As escolhas dos nomes seguiam de forma intuitiva, já que “as crianças pequenas dão nome a seus desenhos somente após completá-los; elas têm necessidade de vê-los antes de decidir o que eles são” (VYGOTSKY, 1987, p.22). Em sua grande maioria, o nome do dedochê estava atrelado a algum tipo de traçado que a própria criança acabara de criar: seja através de uma coloração (em listras, círculos, vestidos e camisetas desenhadas com estampas de flor e de estrelas), seja por uma característica física (mãos extremamente grandes ou em forma de machados e espadas, além de bocas gigantes que ultrapassam os limites do dedochê previamente entregue a eles, e asas de morcego, anjo ou borboleta). Uma parcela pequena preferiu

escolher nomes de personagens de desenhos animados ou filmes que mais gostavam.

Como parte final da atividade, iniciamos a dramatização. As crianças estavam livres para contar a história que desejassem, desde que não ultrapassassem o tempo máximo de dez minutos. Nesse momento, os personagens começaram a ganhar formas e timbres de voz específicos. Muitas crianças demonstraram maior desenvoltura com essa etapa focada na interpretação, enquanto outras, mesmo receosas, iniciaram os ensaios imitando os colegas em gestos e entonações, até que conseguiram expressar as suas visões sobre os personagens criados por elas. Divididos em grupos com quatro integrantes, privilegiamos, nessa escolha, a junção daqueles que não possuíam muito contato uns com os outros, e também a distribuição dos mais tímidos com os mais desenvoltos, para que o trabalho em equipe pudesse auxiliar no desenvolvimento de cada indivíduo, seja no que tange uma maior facilidade com o falar em público, seja no autocontrole de saber o momento certo de dar a vez de fala ao colega e esperar as deixas necessárias para se estabelecer um diálogo. Para Caldas & Ladeira,

as crianças pequenas inicialmente brincam sozinhas com os bonecos. Depois juntam-se espontaneamente e cada uma fala por seu fantoche. É um princípio de socialização; cada criança começa a perceber a necessidade de: esperar a sua vez de falar; ouvir o que os outros falam; respeitar a opinião dos outros; exprimir seu desacordo com argumentos convincentes (1993, p.13).

Por mais que não tivessem como escolher com quais colegas iriam trabalhar e quais personagens os colegas utilizariam durante a apresentação, a partir do momento da divisão das equipes, eles rapidamente entraram em um consenso de como conduzir o improviso exigido, que era a culminância da aula de criação de dedoches. O personagem criado na aula anterior a partir da inserção de partes faltantes do corpo e de vestimentas seria aproveitado na história improvisada a ser realizada dentro de poucos minutos. Esses personagens se encaixam melhor em qual tipo de espetáculo? Teríamos quantos vilões e mocinhos? Ou seriam todos vilões, já que são monstros? Após essa rápida reunião criativa que contou com pequenos e tímidos ensaios entre os integrantes da equipe, eles estavam prontos para iniciar as encenações.

Para auxiliar nesse processo de contação de histórias, todas as equipes tiveram a sua disposição um painel na vertical, semelhante a uma porta, onde havia uma espécie de janela decorada como uma miniatura de um palco teatral, com direito a cortinas vermelhas amarradas em suas laterais, o que proporcionava ao tecido o caimento característico às cortinas da boca de cena. Essa espécie de tapadeira é um palco para teatro de fantoches e dedoches, permitindo que o ator fique ajoelhado e oculto da plateia enquanto seu personagem ganha vida e é exibido através da pequena caixa cênica disponível. As demais crianças que ficaram como espectadores até que chegasse o momento de sua dramatização, foram autorizadas a empurrar as mesas e cadeiras para as extremidades da sala de aula, deixando um espaço livre de chão para que todos pudessem se sentar para assistir o teatro de dedoches encenados pelos colegas de turma.

A variedade de histórias contadas pelas crianças surpreendeu os professores e demais colegas integrantes de outras equipes. Mesmo inicialmente tendo recebido os mesmos comandos e atividade impressa em papel, os alunos conseguiram apresentar histórias diferentes umas das outras com seus personagens. Dessa forma, a turma trouxe à tona toda etapa criativa de confecção dos dedoches em suas particularidades criacionais, aliados ao trabalho de interpretação e movimentação dos personagens na caixa cênica disponível. Os personagens contemplados lá na etapa de criação com asas, espadas e outros complementos corporais, tiveram um bom aproveitamento durante o desenrolar da história, já que era completamente crível e aguardado pela plateia que os personagens utilizassem de seus corpos e acessórios para a fluidez da narrativa.

3. APRENDIZAGEM EM ARTES

Todo o processo de criação do dedochê desenvolvido em sala de aula tornou-se muito orgânico para a criança que conseguiu, de forma lúdica, participar ativamente desse momento importante para o seu desenvolvimento artístico, crítico e social. O passo a passo do método aplicado é embasado no princípio da Proposta Triangular, defendido pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa (1998), onde o aluno é colocado como ponto central do trabalho proposto, sendo ele próprio o produtor, o consumidor e o contextualizador da obra/expressão artística.

A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma 'educação bancária' (BARBOSA, 1998, p.40).

A elaboração dos dedoches seguiu essa premissa, visto que os alunos criaram os seus dedoches adicionando olhos, bocas, acessórios, cores, nomes, vozes e personalidades; observaram as criações dos seus colegas, que confeccionaram personagens-monstros diferentes dos seus (mesmo tendo partido de uma mesma proposta/atividade); e, por fim, geraram debates, conversas e produções conjuntas, entrando em consensos.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL *apud* ALVES DE OLIVEIRA, 2018, p.27).

O ato de contextualização e de confronto de ideias acerca de uma obra de arte perpassa pelo conjunto de realidades e visões de mundo internalizadas em cada indivíduo. Mesmo sendo crianças, por mais que saibamos dos limites de experiências devido à pouca idade, há ainda uma busca por entendimentos e compartilhamento de informações.

O educando já traz consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências das mais diversas possíveis, construídas a partir de vivências, influências, e de acordo com o círculo familiar e de amigos em que se insere (ALCÂNTARA, 2017, p.82).

Existem realidades e vivências que vão além da idade e da maturidade. As experiências de vida de cada pessoa não necessariamente dependem de sua faixa etária e condição social, tornando cada realidade única e cada aprendizado importante para a sua própria construção de valores e princípios. A quantidade de horas que passa em frente às telas, que brinca com amigos e conversa com seus pais e familiares... tudo isso conta como vivência de extrema importância para o desenvolvimento de seu repertório particular para novos diálogos e argumentações.

Na experiência da fruição estética, é necessário deixar a obra ser, experiência única, realidade sensível carregada de significado espiritual e de valor artístico. Modo de presença que tem se transformado, transformando também a participação do fruidor, receptor, participante, visitante, espectador, contemplador ou interator (nas obras que lidam com a arte e a tecnologia). [...] “Os Bichos” de Lygia Clark, e os “Parangolés” de Oiticica, por exemplo, são obras que transformam o espectador em ativo participante na criação da obra. No percurso artístico desses artistas, os trabalhos vão exigindo cada vez mais uma atuação do espectador até que ele se torne o próprio veículo de expressão da obra (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2010, p. 67-68).

A arte deixa de ser algo meramente contemplativo e passa a necessitar de uma maior participação de quem a contempla. Esse protagonismo pode manifestar-se mediante novas formas de apreciação: seja por interação tátil, auditiva, olfativa ou percorrendo o interior da obra, proporcionando um ponto de vista que surja de dentro para fora. Em suma, uma nova forma de ver. Com essa metodologia trouxemos uma experimentação artística que se distancia da obra de arte contemplativa, exclusivamente apreciativa, à ótica do ensino de Artes Visuais e Teatro.

A pesquisadora e arte-educadora Luciana Alves de Oliveira (2018) expõe relatos de colegas educadores, após um treinamento realizado por ela para inserção dos dedoches em sala de aula, em escolas da rede pública do Distrito Federal.

No tempo em que iniciei o trabalho com bonecos pude perceber que com eles as crianças não somente brincam, elas recontam e recriam as histórias que ouvem, ou até mesmo dão asas a imaginação para inventar novas estórias. Ensinar a criança através da imaginação da mesma de acordo com seu estágio de desenvolvimento é espetacular. Os conteúdos ficam mais agradáveis de serem absorvidos quando se é trabalhado com objetos lúdicos que inspiram a aprendizagem das crianças (M.C.A.S *apud* ALVES DE OLIVEIRA, 2018, p. 79).

Através desse primeiro relato, notamos o quanto o lúdico funciona como um catalisador de atenção e potencializador criativo. Os alunos naturalmente sentem-se engajados e pertencentes à aula e ao conteúdo abordado. O processo de aprendizagem flui de maneira mais orgânica e participativa em crianças envolvidas nesse processo. Para elas, o ato de participar de modo mais ativo na criação da proposta de atividade em sala de aula traz à tona um sentimento de pertencimento.

É necessário incentivar a imaginação da criança através do contato com os dedoches e fantoches. Os dedoches ou fantochinhos, são recursos para tornar as histórias interessantes para as crianças. As cores e movimento das mãos que os manipulam estimulam a aprendizagem e a memória, considero que são formas ilustrativas de dar vida a estórias (S.A.C. *apud* ALVES DE OLIVEIRA, 2018, p.72).

Vimos que trabalhar a criação de dedoches em aulas de Artes traz grandes benefícios para o desenvolvimento intelectual do alunado. “A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; [...] não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais” (VYGOTSKY, 1987, p.62). Seu lado artístico, crítico e socioemocional ganha imponência e passa, cada vez mais, a estar presente em suas relações cotidianas, favorecendo na expressão de sentimentos e tomadas de decisões no seu dia a dia.

Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade (BARBOSA, 2005, p. 5).

Deixando a criança livre para falar e construir a sua própria consciência artística, o artista-educador abandona o ensino fragmentado, ditado por regras e pelos limites físicos de atividades impressas em papel. A arte desenvolvida pela criança naquele momento transborda em um fazer artístico libertador e fluido, sem qualquer limitação física ou rédeas. O aluno, de forma gradativa, passará a adquirir e elaborar seus próprios conceitos e contra-argumentos sobre determinado assunto ou imposições em sua rotina diária.

Ao criá-lo e confeccioná-lo, mediante materiais recicláveis e sucata, a criança já está desenvolvendo a sua motricidade e, **quando pronto e construído pela própria criança**, ela sente vontade de animá-lo, dar vida a sua invenção (BECKER *et. al.*, 2013, p.5, grifo nosso).

O aluno construiu, observou e expôs sua internalização artística maturada durante o processo de criação dos seus dedoches e, por consequência, dos seus personagens, que ganharam vida e significado durante a improvisação em sala de aula. Expôs sua criação, fez e recebeu críticas e, por fim, soube contextualizar e aprimorar toda aprendizagem oriunda daquele processo artístico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos estiveram presentes durante toda a aplicação metodológica: seja no momento da apresentação da atividade e rápida aceitação da proposta apresentada pelo professor; seja pela criação, colaboração com os colegas e interpretação em grupo da história improvisada. Essa autonomia dada durante a aula, trouxe a turma, que até então estava dispersa por conta da metodologia anterior que não privilegiava suas áreas de interesses, como a ludicidade e a prática do desenho, para o centro da experimentação e do fazer artístico.

Crianças inseridas no processo de criação de dedoches apresentaram maior participação e desenvoltura nos exercícios propostos em sala de aula. Ostentaram maior interação com os colegas, seja em conversas despreziosas ou em defesa de suas escolhas e pontos de vista durante o decorrer da atividade. Seu lado crítico e opinativo ganhou força, já que passaram a colaborar com o trabalho dos colegas de modo a propor ideias, melhorias e pontos de vista que obteve sobre determinada escolha no traçado artístico de outra criança. A sua fala e imaginação foram trabalhadas constantemente, favorecendo suas relações interpessoais.

No decorrer da dramatização vimos o exercício em grupo ser executado de modo fluido, evidenciando que alcançamos um dos objetivos propostos com a aplicação da metodologia de confecção dos dedoches, que era a potencialização de habilidades artísticas. A discrepância que existia antes do desenvolvimento da aula foi severamente atenuada, já que as crianças que possuíam maior facilidade para falar em público souberam suavizar sua “presença de palco” a fim de dar espaço para que os colegas mais tímidos conseguissem expressar sua visão particular sobre o dedochê. Os alunos, no geral, sentiram-se livre para falarem e se expressarem por intermédio dos personagens criados por ela para contar a história. Convidada a falar diante dos demais colegas, sua timidez foi posta de lado, fazendo-a experimentar um local e uma posição em sala de aula que até então não lhe era confortável. O personagem agiu como uma vestimenta, onde, daquele momento em diante, a voz e movimentos da criança não pertenciam a si mesma. O seu corpo, como um todo, estava em função do dedochê que acabara de criar e dar-lhe significado.

Arte, na educação, não se resume a momentos e atividades isolados. E, se estamos pretendendo a educação do “ser poético”, implicado na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos, será importante vermos tais ações como educação estética (mais do que o ensino de arte) que se realiza no dia a dia (OSTETTO, 2010, p. 5).

Durante sua participação no processo de criação, através de desenhos, colorações, recortes e colagens, as crianças sentiram-se livres para expressarem os seus traços, olhares e cores na confecção dos dedoches. A construção dos dedoches trouxe o aluno para o centro do fazer artístico, onde os seus anseios, vontades e visões de mundo vieram à tona em suas experimentações, empoderando-o durante o processo.

Conseqüentemente, vemos a necessidade de se reforçar o caráter interdisciplinar do ensino como um todo, principalmente com o ensino de artes/interartes, que bebe de diversas fontes para a sua realização. A música precisa da poesia; a tapeçaria colabora com o figurino da dança; o teatro necessita das artes visuais em seus cenários, objetos cênicos, figurinos e maquiagens.

Para além da tentativa de se estabelecer uma escala hierárquica interartística, hoje encontramos-nos frente a uma situação paradoxal, pois as diferentes artes voltaram-se para elas mesmas, procurando novas técnicas, metodologias, enfim, um maior conhecimento de si. Contudo, na busca do auto-conhecimento as artes acabam por apropriar-se de forma consciente ou não de materiais teóricos, metodológicos e práticas de outras artes, confirmando, dessa forma, que o conhecimento de si passa, necessariamente, pelo conhecimento do outro (PEDROSO JUNIOR, 2011, p.243).

Cada vez mais o processo artístico se solidifica mediante um fluxo onde as artes convergem e se repelem de forma orgânica, como um imenso eco. Não existem definições postas em pedras, imutáveis. O próprio processo artístico carece de experimentações, visões e releituras. E justamente essas características estão presentes no desenvolver da atividade “Monstrinhos Dedoches”, onde as Artes Visuais, representadas pelo ato de colorir, desenhar, recortar e colar trouxeram novas possibilidades à criação de dedoches, para que o Teatro pudesse se fazer presente com os seus típicos elementos sem deixar de lado todo o processo de criação em artes visuais que foi a confecção dos personagens.

Por fim, ficou evidente como a metodologia apresentada teve uma rápida aceitação por parte dos alunos, que se mantiveram envolvidos durante todas as etapas do desenvolvimento da atividade. Todo o processo, que envolveu diálogos, debates e exposição de opiniões foi de grande valia para as crianças, que exercitaram seu lado crítico e argumentativo. A criatividade foi outro ponto de bastante destaque, já que muitas crianças, incluindo as mais tímidas, tiveram seu momento de criar o personagem através de desenhos, recortes e colagens, nomear e representa-lo para os demais colegas de classe, fazendo com que sua oratória e capacidade de improvisação fossem bastante exigidas nessa etapa da metodologia, aperfeiçoando-as.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Leide Rosane. Pedagogia do teatro: uma experiência de ensino-aprendizagem na sala de aula. *Revista NUPEART - ProfArtes*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 74-85, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/11688>. Acesso em: 11 jul 2022.

ALVES DE OLIVEIRA, Luciana. *O uso de fantoches e dedoches por professores da educação infantil e ensino fundamental I: desafios e perspectivas*. 2018, 104p. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade de Brasília. Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34627>. Acesso em: 27 mar 2023.

ANDRADE, Andréa Faria, et. al. *A contribuição do desenho no processo do ensino-aprendizagem*. 2007. Disponível em: http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/ACONTRIBUICAODO DESENHO.pdf. Acesso em: 22 abr 2023.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. Disponível em: https://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA_A.pdf. Acesso em: 19 jul 2022.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 6° ed. SP: Perspectiva, 2005.

BECKER, Joanesa C, et.al. *Fantoches e afins: muito mais que um suporte divertido nas atividades pedagógicas*. 2013. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/EDUCACAO%20E%20DES ENVOLVIMENTO%20HUMANO/ARTIGOS/BONECOS,%20FANTOCHES%20E%20AFINS%20MUITO%20MAIS%20QUE%20UM%20SUPORTE%20DIVERTIDO%20NAS%20ATIVIDADES%20PEDAGOGICAS.PDF>. Acesso em: 16 abr 2023.

CALDAS, Sarah; LADEIRA, Idalina. *Fantoches e Cia*. São Paulo: Scipione, 1993.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. *Maria Clara Machado*. São Paulo: Edusp, 1998.

LEITE, Edna Xenofonte, et al. *A formação do pedagogo para o ensino de artes na educação infantil*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5°, 2018, Recife. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA1_ID2978_02092018113426.pdf. Acesso em: 09 de abr 2023.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Teoria e Prática do Ensino de Arte*. São Paulo: FTD, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. In: *Caderno de Formação: didática dos conteúdos formação de professores*. São Paulo: UNESP, 2010. Volume 3, pág. 27-39.

PEDROSO JUNIOR, Neurivaldo Campos. *A investigação em artes: das interartes às intermédias*. 2011. Disponível em:
<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1537/884>.
Acesso em: 05 mai 2023.

PEREIRA, Sandra Márcia Campos. Teatro Infantil: Um olhar para o desenvolvimento da criança. In: *APRENDER – caderno de filosofia e psicologia da educação*. Vitória da Conquista, Ano III, n° 4, pág. 67-88, jun/jul 2005. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3078>. Acesso em: 18 mai 2023.

PIMENTEL, L. G. Cognição Imaginativa. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, [S. l.], p. 96–104, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640>. Acesso em: 22 maio. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.